



Memórias viajantes: a fotografia como uma encruzilhada no tempo

Memorias viajeras: la fotografía como encrucijada en el tiempo

E4_06 - La fotografía como documento histórico en la construcción de la imagen de la ciudad ibero-americana

Tainá Letícia Piccolo

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Instituto Federal Farroupilha, Brasil
taipiccolo@gmail.com

Ana Cláudia Böer Breier

Doutora em Arquitetura e Urbanismo, Instituto Federal Farroupilha, Brasil
ana.breier@iffarroupilha.edu.br

Jenifer Petry Vescia

Mestre em Patrimônio Cultural, Instituto Federal Farroupilha, Brasil
jenifer.vescia@iffarroupilha.edu.br

Resumo: A fotografia, como forma de registro, transcende o mero retrato: ela se torna uma ocupação do espaço, marcando a passagem de um indivíduo por um território e criando um vínculo simbólico com o ambiente. Da mesma forma que os mapas nos orientam durante uma viagem, as fotografias servem como fio condutor de lugares que, por diversas razões, foram considerados significativos o suficiente para serem documentados, fazendo com que a cidade seja vivida afetivamente através do olhar do observador. Isso traz à tona o questionamento: o que torna um lugar relevante a ponto de ser fotografado? A cidade, enquanto território coletivo, não apenas reflete a organização racional dos indivíduos, mas também carrega as emoções, desejos e traumas de seus habitantes, gerando uma identificação espacial que vai além da classificação formal, tornando-se orgânica, psicológica ou comunitária, como o desejo de pertencimento e projeção na cidade. A fotografia, enquanto arte da memória, preserva e transmite a relação afetiva com o ambiente urbano, funcionando como um elo entre diferentes tempos. Ao capturar um momento específico em determinada época, ela mantém vivos os rastros de experiências coletivas e individuais, adquirindo uma dimensão simbólica ao conectar o real com o imaginário. Por ser uma "encruzilhada dos caminhos" (Didi-Huberman, 2012), a imagem transmite as camadas temporais e emocionais de um espaço, revelando sua capacidade de formar um cenário coletivo e

gerar uma percepção transformadora da cidade. Através dessa abordagem, o artigo propõe a discussão sobre como a fotografia, ao se tornar um vestígio de registro afetivo e simbólico, desempenha um papel essencial na construção da memória urbana e no fortalecimento das conexões entre indivíduo e território, ao mesmo tempo em que contribui para a formação de um imaginário coletivo da cidade em diferentes momentos no tempo através do olhar singular do sujeito.

Palavras-chave: fotografia, afetividade, memória, imaginário urbano.

Resumen: *La fotografía, como forma de registro, trasciende el mero retrato: se convierte en una ocupación del espacio, marcando el paso de un individuo por un territorio y creando un vínculo simbólico con el entorno. Así como los mapas nos guían durante un viaje, las fotografías sirven como hilo conductor a través de lugares que, por diversas razones, se consideraron suficientemente significativos como para ser documentados, permitiendo experimentar la ciudad emocionalmente a través de la mirada del observador. Esto plantea la pregunta: ¿qué hace que un lugar sea lo suficientemente relevante como para ser fotografiado? La ciudad, como territorio colectivo, no solo refleja la organización racional de los individuos, sino que también alberga las emociones, deseos y traumas de sus habitantes, generando una identificación espacial que trasciende la clasificación formal, volviéndose orgánica, psicológica o comunitaria, como el deseo de pertenecer y proyectarse en la ciudad. La fotografía, como arte de la memoria, preserva y transmite la conexión emocional con el entorno urbano, funcionando como un vínculo entre diferentes épocas. Al capturar un momento específico en una época determinada, mantiene vivas las huellas de las experiencias colectivas e individuales, adquiriendo una dimensión simbólica al conectar lo real con lo imaginario. Como "encrucijada de caminos" (Didi-Huberman, 2012), la imagen transmite las capas temporales y emocionales de un espacio, revelando su capacidad para moldear un escenario colectivo y generar una percepción transformadora de la ciudad. A través de este enfoque, el artículo propone una discusión sobre cómo la fotografía, al convertirse en un rastro de registro afectivo y simbólico, desempeña un papel esencial en la construcción de la memoria urbana y en el fortalecimiento de los vínculos entre el individuo y el territorio, a la vez que contribuye a la formación de un imaginario colectivo de la ciudad en diferentes momentos a través de la perspectiva singular del sujeto.*

Palabras-clave: fotografía, afectividad, memoria, imaginario urbano.

Introdução

A cidade se constitui como um campo dinâmico de relações, produzido continuamente pelas práticas, deslocamentos e narrativas que a atravessam. Partindo dessa compreensão, este trabalho propõe a fotografia como prática situada no percurso urbano, capaz de ativar vínculos entre vivência, memória e imaginário. A experiência urbana ganha novos contornos quando pensada a partir do deslocamento por territórios desconhecidos. Caminhar por uma cidade não familiar implica suspender referências habituais e ativar um estado de atenção ampliada, no qual o espaço se revela de forma fragmentária, descontínua e, muitas vezes, provisória. A cidade, assim, é tomada como um território vivido, continuamente produzido por experiências, deslocamentos e afetos.

Dialogando com a noção de *memórias viajantes* desenvolvida por Erll (2011), o texto transfere a discussão sobre a circulação de narrativas para o interior do espaço urbano, concebendo a memória como processo em movimento, produzido no trânsito entre lugares. A fotografia atua como mediação central desse processo. Ao interromper o fluxo do deslocamento, o gesto fotográfico cria um instante de atenção e presença, no qual o sujeito se relaciona de forma mais intensa com o espaço que percorre. Fotografar implica escolher, recortar e enquadrar, revelando a intencionalidade do olhar e a dimensão subjetiva da experiência urbana. A imagem produzida não apenas fixa um vestígio da cidade, mas participa da elaboração da memória, sendo uma ferramenta ativa que articula o instante capturado com sua reinscrição ou reinterpretação posterior.

Com o intuito de sustentar essa abordagem, o estudo mobiliza as três dimensões urbanas formuladas por Pesavento (2007), as condições do ato fotográfico propostas por Dubois (1993) e o conceito de encruzilhada desenvolvido por Didi-Huberman (2012). A partir desse entrelaçamento teórico, a fotografia passa a operar como dispositivo de elaboração de narrativas espaciais não lineares, constituídas nos contatos e experiências vividas pelo sujeito em trânsito pela cidade. Nesse horizonte, o gesto de fotografar se configura como uma forma de permanência sensível no espaço urbano, implicando atenção à sua atmosfera, e resultando em imagens que articulam as dimensões da cidade em um ponto de convergência temporal. As imagens, assim, compõem uma cidade construída relacionalmente, marcada pela sobreposição de tempos e pela produção de pontos afetivos engendrados no movimento.

As dimensões da experiência urbana

A experiência urbana não pode ser compreendida apenas a partir da materialidade do espaço construído ou de suas funções utilitárias. A relação entre sujeito e cidade se estabelece por meio de atravessamentos sensíveis, nos quais percepção, memória e imaginação participam ativamente da produção de sentidos sobre o território. Nessa perspectiva, a cidade deixa de ser um dado fixo para se apresentar como uma experiência processual, continuamente atualizada pelas práticas cotidianas e pelos deslocamentos corporais.

A partir da leitura proposta por Pesavento (2007), o urbano pode ser entendido como a articulação dinâmica entre três dimensões indissociáveis: a visível, a sensível e a imaginária. A dimensão visível refere-se à materialidade da cidade — ruas, edificações, traçados e fluxos —, isto é, àquilo que se oferece diretamente ao olhar e estrutura o espaço coletivo. Trata-se da cidade enquanto forma, produto histórico e social inscrito no território.

Entretanto, a vivência urbana não se esgota nessa camada material. A dimensão sensível emerge da experiência corporal do sujeito em movimento, ativando percepções, afetos e memórias que transformam o espaço em lugar vivido. Conforme Merleau-Ponty (1999), é pelo corpo que o mundo se torna significativo, sendo a percepção uma experiência situada e relacional. No contexto urbano, essa dimensão sensível é responsável por produzir vínculos, sentimentos de pertencimento e formas singulares de apropriação do espaço.

Já a dimensão imaginária inscreve-se no campo das representações e narrativas que projetam sentidos sobre a cidade. Ela se constrói por meio de imagens, discursos, mapas, relatos e expectativas que antecedem ou atravessam a experiência direta do espaço urbano. Como afirma Pesavento (2007), às cidades concretas correspondem cidades imaginadas, continuamente reconstruídas pelo pensamento e pela ação. Essa dimensão não se opõe ao real, mas participa ativamente de sua constituição simbólica.

Essas três dimensões não operam de forma isolada, mas se sobrepõem e se tensionam na experiência urbana. O deslocamento pela cidade ativa temporalidades múltiplas, nas quais vestígios do passado coexistem com o presente da vivência e com projeções imaginárias orientadas pelo desejo e pela memória. Nesse sentido, a cidade pode ser pensada como uma encruzilhada temporal, aproximando-se da noção de imagem proposta por Didi-Huberman (2012), na qual diferentes tempos se condensam e se atualizam na experiência.

A memória urbana, portanto, não se constitui como arquivo fixo, mas como processo em trânsito, produzido no percurso e mediado por práticas culturais e dispositivos técnicos. Retomando Erll (2011), a memória é sempre relacional e móvel, atravessada por suportes, contextos e deslocamentos. No espaço urbano, essa dinâmica se manifesta de forma particularmente intensa, uma vez que a cidade atua como um dos principais quadros de ancoragem da memória coletiva (Halbwachs, 2006).

A fotografia como prática relacional

A fotografia é abordada neste trabalho como uma prática situada, que se estabelece na interseção entre gesto, circulação e interpretação. Conforme Dubois (1993), o fenômeno fotográfico não pode ser compreendido apenas a partir da imagem final, mas deve ser analisado considerando as condições de sua produção, os usos sociais que a atravessam e os modos pelos quais é interpretada ao longo do tempo. Essa abordagem desloca a fotografia do campo da mera representação para o domínio da experiência.

O gesto fotográfico implica uma tomada de posição diante do mundo. Fotografar é interromper o fluxo do deslocamento, selecionar um fragmento do espaço e atribuir-lhe visibilidade e sentido. Esse gesto é atravessado por escolhas técnicas, estéticas e afetivas, revelando que toda fotografia é marcada por intencionalidade. Como observa Sontag (2004), a imagem fotográfica não apenas registra, mas interpreta o real, organizando-o a partir do olhar de quem fotografa.

Nesse contexto, a fotografia opera como mediação entre corpo e espaço. Ao transformar o percurso em imagem, o sujeito reinscreve sua experiência no território, convertendo o espaço atravessado em vestígio sensível. A imagem torna-se, assim, um suporte da memória, capaz de articular o vivido ao lembrado e de conectar experiências individuais a repertórios coletivos.

Essa mediação se prolonga para além do instante do registro, uma vez que as fotografias circulam, são compartilhadas e reinterpretadas, acumulando camadas de sentido ao longo do tempo. Benjamin (1987) já apontava que a fotografia, ao fixar o instante, abre fissuras temporais nas quais o passado pode emergir no presente. Nesse sentido, a imagem funciona como um ponto de condensação de temporalidades, articulando história, memória e experiência.

A prática fotográfica aproxima-se, assim, da figura do *flâneur* delineada por Benjamin, entendida como uma forma de relação sensível com a cidade. O flâneur não percorre o espaço de modo funcional ou utilitário, mas se deixa afetar pelo ritmo urbano, transformando o deslocamento em experiência. De maneira análoga, o fotógrafo, ao percorrer a cidade com atenção, converte o olhar em gesto e o percurso em produção de sentido, reafirmando a fotografia como prática de presença no espaço urbano.

Cidade vivida, imaginário e percurso

A relação entre sujeito e cidade pode ser compreendida a partir da noção de pessoa-ambiente, segundo a qual o espaço físico e social não é um pano de fundo neutro, mas um elemento ativo na constituição das práticas e percepções humanas. A cidade é simultaneamente construída, vivida e interpretada, configurando-se como um campo de significações em permanente transformação.

No contexto contemporâneo, essa relação tende a ser mediada, em um primeiro momento, pelo campo visual. As imagens frequentemente antecedem a experiência direta do espaço, moldando expectativas e imaginários urbanos. Como observa Pesavento (2007), as cidades nos chegam, em grande medida, por meio de representações visuais, o que reforça a centralidade da fotografia na produção do imaginário urbano.

Certeau (1994) diferencia o mapa, associado a uma lógica abstrata e totalizante do espaço, do percurso, entendido como prática corporal e narrativa. Enquanto o mapa privilegia a visão distanciada, o percurso reinscreve o espaço na ordem do sensível, produzindo uma cidade vivida que escapa às representações hegemônicas. A fotografia, nesse contexto, ocupa uma posição ambígua: ao mesmo tempo em que participa do regime visual, ela pode operar como ferramenta de atenção e de reaproximação sensível do espaço.

Ao registrar fragmentos da cidade, a fotografia transforma o urbano em experiência narrável. A imagem torna-se uma metonímia do lugar, capaz de evocar o todo a partir de um detalhe. Contudo, como ressalta Certeau (1994), sempre há uma cidade que escapa às totalizações do olhar, uma cidade em movimento, produzida pelas práticas ordinárias dos corpos. A fotografia, quando compreendida como prática sensível, pode tensionar essa distância, aproximando-se da dimensão vivida do espaço.

Ocupação simbólica e cartografias afetivas

Desde sua consolidação, a fotografia foi associada à ideia de prova e evidência, funcionando como testemunho visual da experiência vivida. Esse estatuto conferiu à imagem um valor documental, frequentemente vinculado à noção de objetividade. No entanto, como apontam Sontag (2004) e Rouillé (2009), a fotografia é sempre um recorte construído, atravessado por escolhas e restrições que revelam sua dimensão interpretativa.

Ao deslocar o foco da objetividade para a experiência, a fotografia pode ser compreendida como prática espacial. Fotografar um lugar não significa apenas torná-lo visível, mas ocupá-lo simbolicamente, inscrevendo nele a presença do sujeito. O gesto fotográfico transforma o olhar em ação e a imagem em vestígio do atravessamento, configurando uma forma de apropriação sensível do espaço urbano.

Quando esses gestos se acumulam ao longo do percurso, produzem cartografias afetivas que se distinguem das representações cartográficas tradicionais. Conforme Rolnik (1989), tais cartografias se orientam menos pela lógica funcional do espaço e mais pelos movimentos do desejo, registrando intensidades, relações e experiências. Os lugares fotografados tornam-se, assim, lugares de memória, nos quais diferentes temporalidades se encontram.

As memórias produzidas nesse processo podem ser compreendidas como memórias em trânsito, construídas no deslocamento do corpo pela cidade e mediadas pela imagem. Cada fotografia funciona como uma encruzilhada temporal (Didi-Huberman, 2012), permitindo que o urbano seja continuamente ressignificado a partir de novos olhares e narrativas. A cidade, nesse sentido, não se fixa na imagem, mas se reinventa a cada novo percurso.

Ao constituir uma trama de imagens e experiências, a fotografia participa ativamente da construção do imaginário urbano. Mais do que documentar a cidade, ela contribui para produzi-la simbolicamente, articulando o visível, o sensível e o imaginário. Assim, a prática fotográfica reafirma-se como mediadora entre corpo, espaço e memória, oferecendo caminhos para uma leitura do urbano que privilegia a experiência vivida e a dimensão afetiva do território.

Considerações finais

Ao compreender a fotografia como prática sensível e relacional, este trabalho propõe um deslocamento em relação às abordagens que a tratam predominantemente como instrumento de registro ou representação objetiva da cidade, enfatizando o ato fotográfico como um gesto de presença que emerge do encontro entre corpo, espaço e memória. Nesse sentido, fotografar passa a ser entendido como uma ação situada, capaz de articular percepção, afeto e temporalidade, na qual o sujeito não apenas observa o urbano, mas participa ativamente de sua produção simbólica.

Essa perspectiva permite pensar a cidade como um território processual, constituído no percurso e continuamente reconfigurado pelas experiências que o atravessam, de modo que o espaço urbano se apresenta menos como um dado fixo e mais como um campo de relações em constante atualização. As cartografias sensíveis produzidas a partir do gesto fotográfico evidenciam essa condição, ao revelar uma cidade fragmentária e relacional, cujos significados emergem da experiência vivida e das memórias acionadas no deslocamento cotidiano.

Ao atuar como mediação entre indivíduo e território, a fotografia conecta diferentes temporalidades, inscrevendo o instante da experiência em um fluxo mais amplo de narrativas e afetos que ultrapassam o momento do registro. Dessa forma, o ato fotográfico não se limita a fixar imagens da cidade, mas contribui para a construção de modos alternativos de compreendê-la, recolocando o corpo, a memória e a sensibilidade no centro da reflexão sobre a experiência urbana contemporânea.

Referências

- AUGÉ, Marc. **Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. São Paulo: Papirus Editora, 2012.
- BENJAMIN, Walter. Pequena História da Fotografia (1931). In: **Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: Zouk, 2012.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. Tradução de Patrícia Carmello e Vera Casa Nova. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, Belo Horizonte, p. 206–219, 2012. DOI: 10.35699/2238-2046.15454. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15454>. Acesso em: 12 fev. 2025.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1993.
- ERLL, Astrid. Travelling memory. **Parallax**, Londres, v. 17, n. 4, p. 4–18, 2011. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13534645.2011.605570>. Acesso em: 23 dez. 2025
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. Do original: La production de l'espace. 4. ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000. Primeira versão em português: 2006.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- OLIVEIRA, Rita Barreto de Sales. A fotografia como instrumento de recuperação da memória. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana: GEPIADDE, v. 21, p. 171-193, maio/ago. 2016.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11–23, 2007.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SHIELDS, R. **Spatial dialectics**. Great Britain: Creative Print and Design, 1998.

TARDIVO, Jessica Aline e PRATSCHKE, Anja. **Cidade como lugar de memórias**. Revista Memória em Rede, v. 8, n. 15, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/rmr.v8i14.7485>. Acesso em: 03 dez. 2024.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

